



Você já imaginou ter que enterrar uma caixa cheia de livros no quintal? E não poder estudar porque a escola foi fechada? Com a história de Sayuri você vai conhecer um pouco das dificuldades de uma família japonesa no Brasil durante a 2ª Guerra Mundial. E vai se surpreender com as atitudes de uma menina que, apesar dos obstáculos, tenta se integrar ao mundo.

OS LIVROS DE SAYURI • LÚCIA HIRATSUKA



BARCO  
A VAPOR

# Os livros de Sayuri

Lúcia Hiratsuka



1 8 2 9 0 3

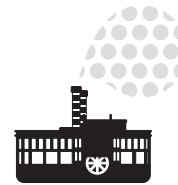
ISBN 978-85-418-1810-0



9 788541 818100



## Os livros de Sayuri



BARCO  
A VAPOR

# Os livros de Sayuri

Lúcia Hiratsuka



© Lúcia Hiratsuka, 2007  
Na capa, o ideograma japonês desenhado  
significa “mundo”.

Coordenação editorial: Maísa Kawata  
Preparação: Rodrigo Villela  
Revisão: Marcia Menin, Annita Costa e Penelope Brito

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar  
Produção industrial: Alexander Maeda  
Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hiratsuka, Lúcia,  
Os livros de Sayuri / Lúcia Hiratsuka ; [ilustrações da autora].  
-- 2. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2017. (Coleção barco a vapor)

ISBN: 978-85-418-1810-0

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

17-04480

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

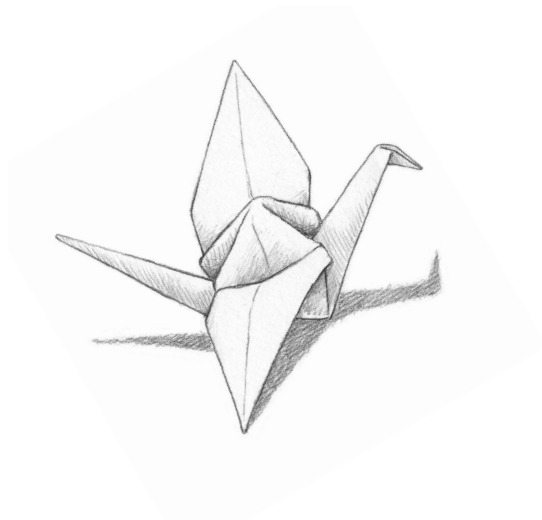
1ª edição abril de 2008  
2ª edição 2017  
Xª impressão 2018

Todos os direitos reservados a  
EDIÇÕES SM  
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55  
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil  
Tel.: 11 2111 7400  
www.edicoessm.com.br

*Para minha mãe,  
que lia enquanto dormiam  
os bichos-da-seda.*







## SUMÁRIO

Debaixo da terra .....	11
Um livro só meu.....	19
O sabor de cada coisa .....	25
Ano de ir para a escola.....	31
Pedido aos deuses.....	41
Luzes dos lampiões .....	49
A estrada adiante .....	61
A cerejeira.....	71
Sol e lua .....	77
Concha-cerejeira.....	87
Outro mundo? .....	97
As duas vontades.....	109
Entre palhas .....	117
Conchas que não se abrem .....	125
Conchas abertas .....	133
Posfácio .....	139



## ● DEBAIXO DA TERRA

PARECE UM ENTERRO. Mas ninguém morreu. No quintal, o sol bate forte no buraco cavado debaixo do abacateiro. As galinhas ciscam no monte de terra, como se tivessem descoberto uma mina de minhocas. As nuvens passeiam com preguiça. Nada de chuva. Se chovesse, tudo ficaria para outro dia.

~

Almoçávamos quietos, ouvindo os barulhinhos das colheres nos pratos. Meus pais mastigavam a comida sem olhar para os lados. Também Emiko. Só Yukio comia com vontade arroz, feijão e abóbora cozida. A carne-seca estava dura e a abóbora salgada demais; minha mãe devia estar pensando em outra coisa enquanto cozinhava.

— Prontos? Acabaram? — o pai foi o primeiro a se levantar.

Yukio e a mãe foram juntos para a sala. O que eu faço? Fiquei parada no meio da cozinha.

— Sayuri, me ajuda aqui. Vou buscar mais água. — Enquanto a minha irmã foi para o poço, eu retirei os pratos e as panelas da mesa.

O poço fica um pouco afastado da cozinha. Quando o balde desce preso na corda, vai leve, solto. Difícil é na hora de puxar. Uma vez tentei e não aguentei. Era um peso só.

Vi Emiko passar a água para o latão e carregar pela alça de madeira. Coloquei os pratos na bacia do lado de fora da cozinha. Ali não tem paredes, só o telhado de zinco. Minha irmã despejou parte da água, passou sabão na bucha e me pediu:

— Guarda a comida que sobrou.

Tinha ainda brasas no fogão, querendo e não querendo se apagar. Por isso estava tão quente? Terminamos de arrumar e fomos para a sala.

Numa parede, os retratos amarelados dos nossos avós, pais da minha mãe, que já morreram. Mais acima, o altar dos deuses. E, em outra parede, a prateleira quase vazia. Tão estranho... Nenhum livro. Continuavam lá o boi e a tartaruga que o pai fez com tocos de madeira. E o lampião.

Num caixote, forrado com palhas de milho e jornais, meus pais colocavam os livros.

— Tragam os que estão com vocês — pediu a mãe.

— Vem, Sayuri — chamou minha irmã e fomos para o quarto.

Emiko, apressada, foi retirando e me passando os livros da prateleira. Voltamos, cada uma carregando uma pilha. Tantas perguntas que tinha para fazer... Mas os adultos continuavam tão quietos... Era como se eu tivesse uma semente de caqui entalada na garganta, as perguntas não saíam.

Todos os nossos livros iam ser enterrados. Nenhum podia ficar mais em casa. Nenhum.

Emiko mostrou os que a gente tinha trazido do quarto.

— Ah, mais esses? Cabem? — perguntou minha mãe.

Tomara que não, tomara que não, fiquei torcendo. De nada adiantou. Ajeita daqui, ajeita dali. Estavam todos dentro da caixa. E cobertos com jornais velhos e palhas.

Fui espiar o quarto dos meus pais. Ao lado da cama, em cima do caixote de laranjas, os livros não estavam mais. Só a lamparina e a vela de pé na tampa de manteiga. Voltei para a sala. O pai terminava de martelar os pregos, fechando a caixa.

— Yukio, segura do outro lado.

A mãe e Emiko correram para ajudar e levaram a caixa para fora. Debaixo do abacateiro, as galinhas e os pintinhos continuavam ciscando sossegados. Toquei e fugiram para outro canto, onde fica a goiabeira com o meu balanço.

A cigarra começou a cantar. Assim? Sem mais nem menos? Onde ela se escondia? Não consegui vê-la. Um jeito de cantar desesperado.

— Será que estamos fazendo certo? — a voz da mãe saiu fraquinha.

Acho que essa dúvida esteve com ela desde a hora do almoço, desde quando fazia a comida, desde a manhã. Desde ontem, talvez. O pai pegou a pá e foi jogando terra. E a caixa ficou enterrada. Como se os livros estivessem mortos. Ou como se fossem tesouros? Os mortos não voltam. Mas e os tesouros? Voltam algum dia? Igual nas histórias de tesouros enterrados?

Meu pai disse em voz baixa:

— Logo desenterraremos tudo.

— Tomara, tomara que seja logo mesmo — a voz da minha mãe saiu sem ânimo.

— Quando a guerra acabar... — o pai começou e parou.

Guerra. Fazia um tempo que essa palavra tinha entrado em casa. Que nem assombração. Meu pai

diz que assombração não existe, mas eu morro de medo, acho que vem com a cara coberta, sem aviso. Quando os adultos falam da guerra, falam baixinho para eu não escutar.

Não aguentei mais, tinha que perguntar:

— Alguém pode morrer?

Meus pais fizeram aquela cara, cara de quem ouviu o que não queria.

— Ninguém vai morrer. A guerra é do outro lado do mundo — falou meu pai.

Outro lado do mundo? Se é do outro lado do mundo, por que esconder os livros? Enterrar como mortos? Não, a mãe diz que mortos não ficam debaixo da terra. Vão para outro lugar. Os livros ficam lá, do jeito que foram deixados. E se chove? Queria perguntar, olhei para meus pais, estavam com cara de quem não queria falar nada.

